

## Turma 1967-1970: Vestindo a Pele da Memória

*Maria Mercedes Capelo Alvite*

*Maria Teresa Albuquerque Guimarães*

*Nós pedimos com insistência:*

*Não digam nunca: isso é natural!*

*Diante dos acontecimentos de cada dia.*

*Numa época em que reina a confusão.*

*Em que corre sangue,*

*Em que se ordena a desordem,*

*Em que o arbitrário tem força de lei,*

*Em que a humanidade se desumaniza,*

*Não digam nunca: isso é natural!*

*Brecht*

A turma de Pedagogia 1967-1970 viveu um Brasil de exceção: dissolução do Congresso Nacional, supressão das liberdades individuais, censura, repressão, medo.

O AI5 decretado pelo Marechal Arthur da Costa e Silva em 1968, com cassação dos direitos políticos e individuais, gerou uma maior instabilidade e insegurança na população com um agigantamento da repressão de todas as formas de expressão contrárias aos ditames do golpe militar de 1964. Esse momento político interferiu na participação da juventude em diferentes setores da cultura, pela introjeção do medo de tudo e de todos. Reuniões despretensiosas de colegas de equipe criavam desconfianças e temores nos próprios componentes, sempre atentos a "olheiros" ou a qualquer estranho nas proximidades do grupo. Escritores, compositores, cineastas, teatrólogos, professores,

intelectuais de um modo geral, ninguém ficava imune às pressões do sistema. Em todos os setores e lugares existiam pessoas encarregadas de observar qualquer atitude "suspeita", e delatar. É preciso que seja dito que esse ano de 1968 foi um ano marcante em muitos países, com uma revolução nos costumes e uma quebra de paradigmas. Há quem diga que foi um ano que não terminou, dada sua importância na quebra de tabus e preconceitos. Pessoas se aglutinavam em torno de lutas pela liberdade em todos os aspectos que possam ser imaginados.

*Livre,*

*vestindo a pele do dia,  
o torturado caminha  
com seu corpo tatuado  
de violência e poesia.*

*Mas ele não marcha só.  
Apenas segue na frente  
na direção da utopia.*

Afonso Romano de Sant'Anna

Nacionalmente, os movimentos estudantis, nos planos secundário e universitário, sofreram pressões e repressões. Líderes foram presos. Assembleias estudantis e passeatas aconteciam mesmo sendo proibidas e reprimidas. Evidentemente, que essas medidas contribuíram para que muitos estudantes, por medo, sequer participassem das manifestações da categoria.

A ditadura que se instalara no País deixava rastros de destruição. Perseguições, prisões, torturas, assassinatos. Houve ainda os que se exilaram por absoluta falta de condições de atuação e sobrevivência.

Professores e alunos eram levados a silenciar, a temer expor suas posições. Era um momento de muito medo e recuo.

A política de exceção influenciou toda a estrutura acadêmica de nossa universidade, determinando alterações curriculares que dificultavam a formação de turmas, já que as disciplinas passaram a ser semestrais, o que gerava a dispersão de grupos originalmente coesos.

Chora a nossa pátria mãe gentil

Choram Marias e Clarices

No solo do Brasil

*Mas sei que uma dor assim pungente*

*Não há de ser inutilmente*

*A esperança dança*

*Na corda bamba de sombrinha*

*Em cada passo dessa linha*

*Pode se machucar.*

*Azar! A esperança equilibrista*

*Sabe que o show de todo artista*

*Tem que continuar*

João Bosco e Aldir Blanc

Embora a turma 1967-1970 tenha tido bons professores, o momento político não favorecia um maior aprofundamento de questões político-sociais ou fundamentais para qualquer cidadão. Não havia interesse em formar seres pensantes. Com a imprensa censurada e as melhores publicações sujeitas a contínuos cortes, ficava difícil dar-se conta da real situação política do País, mesmo que continuassem – no plano local e nacional – reações e enfrentamentos à ordem vigente. Jornais de outros países é que informavam das prisões e torturas que aconteciam no Brasil.

Uma característica que nos chama atenção até hoje é que na nossa turma os grupos de trabalho eram fixos e as pessoas natural-

mente se sentavam sempre do lado direito ou esquerdo da sala por algum tipo de afinidade não declarada ou explicitada, sendo possível, contudo, identificar pontos comuns entre os participantes de cada um dos lados. Era meio estranho porque, embora a convivência fosse fácil entre os lados, havia uma espécie de acordo tácito quanto à ocupação espacial na sala de aula. Existiam ainda as chamadas "igrejinhas" ou grupos fechados que adoravam estar sempre juntos nos trabalhos de grupo, nos momentos de estudo, lanches, ou em atividades de lazer aos finais de semana. Outro ponto a ser destacado era que apenas parte da turma já trabalhava e, na sua maioria, com educação, o que representava maior facilidade para os que detinham alguma experiência profissional. Afora isso, o trabalhar imprimia certo respeito entre os pares e professores. Uma geração cheia de sonhos e paixões, que acreditava poder mudar o País, fazer história. Fazia-se uma leitura ingênua da realidade.

Merecem ser lembradas, também, as brincadeiras constantes, feitas até mesmo com os professores, que criavam um ambiente descontraído mas não desrespeitoso. Apesar disso, não podemos deixar de mencionar a responsabilidade com que a maioria encarava o curso, os estudos, os trabalhos de um modo geral.

O espaço físico naqueles anos era agradável. Como o número de alunos do Curso de Pedagogia era pequeno e não havia necessidade de tantas salas de aula, o verde predominava nos arredores dos prédios. O velho bosque com muitas mangueiras e bancos acolhedores. Quantas lembranças, conversas, segredos compartilhados, cenas inusitadas... Tempos bons... Lamentavelmente, alguns de nós já partiram.

*De que são feitos os dias?*

*- De pequenos desejos,  
vagarosas saudades,  
silenciosas lembranças.*

Cecília Meireles

E o laboratório? Irresponsabilidade com aquelas experiências com animais?! A maior parte dos alunos participava até com certo constrangimento, em razão da falta de confiança quanto ao nosso preparo e à própria justeza e utilidade de semelhantes procedimentos. E aquelas provas orais da mesma disciplina? Maior nota para quem primeiro levantasse o braço e gritasse a resposta. E os tímidos?! São tantos os questionamentos...

A participação em encontros acadêmicos locais e regionais ligados à Educação, exposições no Museu de Arte da UFC, foram alguns dos momentos que congregaram muitos alunos e professores da turma. Uma excursão realizada a Salvador ao final do curso fechou com chave de ouro as vivências dessa classe. Afora as programações culturais, aconteceram muitos momentos deliciosos de uma convivência fraterna e carinhosa entre colegas, tendo tido acolhida amigável até para três pessoas alheias ao grupo.

Bom proveito, menino@. Ao trabalho!

Tens somente mil anos para tua tarefa:

*sonhar nossos sonhos*

*fazer o que não fizemos*

*desfazer o que fizemos*

*reconstruir o que destruímos*

*até agora.*

Sonhar novos sonhos.

Elício Pontes

A turma 1967-1970 produziu amizades que se estenderam e se solidificaram ao longo dos anos e da vida. Quantas histórias de amor, de encontros e desencontros... Como na vida, as teias se tecem e se desfazem sem que se possam apontar responsabilidades, escolhas, forças outras do cosmos que muitas vezes fogem à compreen-

são. Hoje, muitos são os amigos de todos os momentos que partilham perdas, tristezas e alegrias. Dada a cumplicidade e empatia criadas, apesar de momentâneas distâncias, a profundidade dos vínculos possibilita o restabelecimento imediato da intimidade tão logo se reencontrem, mesmo quando a ausência é mais longa.

*Nenhum tempo é tempo  
bastante para a ciência  
de ver, rever.*

*Tempo, contratempo  
anulam-se, mas o sonho  
resta, de viver.*

*Carlos Drummond de Andrade*